

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Vou ali nas meninas...

Jacqueline Marques Melo Cartaxo
jac.cartaxo67@gmail.com

Essa expressão começou pela vovó, se estendeu pelos nossos tios, papai e hoje faz parte do cenário dos nossos sobrinhos.

A casa das meninas é fonte de acolhimento, amor e bemquerência.

Lá nas meninas, tem o cultivo de aconselhamento, união, solidariedade e harmonia. Lá nas meninas, tem mulheres que inspiram coragem, fé e perseverança, mesmo nos momentos desafiadores. Lá nas meninas tem a delicada essência da mamãe, perfumando nossos dias. Lá nas meninas tem retratos das pessoas mais importantes da vida: mamãe, papai, eu, Ceinha, Aurineide, Nete, Auriceia, Adriana, Alexsandra, Andre, Renata. Também sobrinhos, primos, tios e amigos. Lá nas meninas tem um capítulo escrito com a Renata e o André, nossos docinhos com a lembrança marcante da mãe deles, a Tereza. Tem uma geração que já chega com luz lá nas meninas. São os filhos dos nossos sobrinhos, que caminham com os pés

descalços marcando a esperança que sempre tivemos. Tem um jardim de inverno que abriga as mais lindas pedras que foram trazidas pelas mãos do vovô Wenceslau, do papai e dos tios queridos.

Para quem chega lá nas meninas tem um café com cheiro de casa de afetos. A prosa na cozinha tem sempre um convite apetitoso para relembrar as receitas de família. O humor clarinho da Adriana passeia pela casa deixando o ambiente tão harmonioso e nada fica frio a sal. Esse comentário frio a sal, era o charme carinhoso que Adriana fazia quando a comida merecia um bocadinho de sal.

Lá nas meninas o verbo cuidar é conjugado no passado, futuro e presente. É lá nas meninas que a gente se reinicia, dia a dia. É lá nas meninas que a fé também faz morada. Lá o tempo espera para lembrança de um abraço de quem já virou estrelinha...

Lar nas meninas... Nosso abrigo diário. Lá nas meninas tem um letreiro imaginário nas paredes com a canção “Onde Deus possa me ouvir”, do Vander Lee, tão lindamente cantada pela nossa irmã Adriana.

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

– Rapaz, que sol escaldante! Parece que baixaram ele mais um pedaço.

Foram essas suas palavras, sentando-se primeiro no banco, abocanhando o pedaço maior de sombra para si e me deixando debaixo da peneira de folhas da castanhola. Aproveitei para perguntar de onde ela vinha.

Ela contou que vinha das ruas mesmo; gostava de andar, ver o fluxo. Me adiantei, contei que vinha do Centro e aproveitei para mostrar as sacolas carregadas de coisas.

– Qual o nome da senhora? — perguntei. — É Fortaleza — disse ela.

Não me contive:

– Que nem o da cidade?

– Isso mesmo. Você é até inteligente. — devolvendo-me a palavra cheia de ironia.

Pus os olhos roxos. Respeitei pela idade, como minha mãe me ensinou. Ficamos alguns minutos calados e a voz rouca das ruas, cuja lembrança era do intenso barulho de trânsito, surgiu outra vez. Agora, trazia um semblante amigável.

– A senhora vai fazer trezentos anos, não é? — perguntei enquanto um grupo de cachorros se aproximava e lambia suas mãos.

– Deixa de ser besta, menino. Cidade não conta idade assim. Vou para a minha sexta volta de cinquenta anos.

Éramos cúmplices naqueles quinze minutos, suficientes para confidências íntimas. Sentia-se indigesta, as veias entupindo-se, ao colapso. Recordou as vezes em que concordou em encerrar a fumaça.

– A maioria pensa que eu moro aqui perto, pela da faixa de areia. Mas minha casa é lá para trás, onde o sol queima forte. Vivo atordoada de tanta coisa ruim. Queria ser limpa, igual. Meus filhos se reúnem para celebrar a minha vida e, depois, desaparecem; não me perguntam o que eu quero, nem o que penso. É assim com toda mãe, né? Quando envelhecem, os filhos acham que as opiniões também ficam sem valer. Se cruzarem comigo pela rua, capaz de nem me reconhecerem. Criam, de mim, uma imagem distorcida. Queria com eles um encontro sincero.

Tirei uma tangerina da minha sacola, dividi com ela a metade devolvendo ao rosto uma alegria.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Gente, que vexame!

Clara Lêda de Andrade Ferreira
Membro da Academia Ubajarense de Literatura e Artes

Usar medidas cautelares nas convivências é a melhor alternativa, o contrário, poderá nos levar a situações, cujo vexame, os efeitos podem ser constrangedores e nenhuma alternativa cabe à tentativa de reparação.

Estive numa consulta médica no último dezembro, um profissional de competência ilibada. Atende minha mãe, tias... Tornou-se um querido amigo.

– O que aconteceu pra senhora se lembrar de mim?

A paciente debulhou suas queixas. Tudo dito, nenhum detalhe esquecido o doutor orientou e pediu exames.

Consulta encerrada prosseguiu com uns instantes de descontração, narrando um caso cujo desfecho quase me matou de rir.

Assim narrou:

Fui procurado pela diretoria do Ceará. A intenção era me contratar para atender os jogadores do Vovô. Aceitei sem constrangimento, ser torcedor é uma coisa, médico outra, não neguei meu favoritismo pelo Fortaleza.

Um dia recebi aqui, neste consultório, um jogador. Relatava seu problema quando alguém bateu à porta. Era a fisioterapeuta querendo saber os procedimentos de um paciente. Passei-lhe as instruções.

Consulta encerrada, jogador agradeceu e se despediu.

Na semana seguinte voltou. Surpreso, perguntei qual a novidade.

O jogador puxou a cadeira até o birô e pensei se tratar de algo sigiloso.

– Doutor, o senhor não se incomoda de me passar o número do telefone da fisioterapeuta? Aquela que veio a seu consultório no dia de minha consulta. Foi paixão à primeira vista, porque desde então só penso nela.

– Sem problema, agora mesmo, ligo e você fala com ela.

– Rute, tudo bem? De saída pra pegar as crianças na escola? Chego para almoçar no horário de sempre. Ah! Tem uma pessoa que deseja falar com você.

Estirava a mão para entregar o celular ao jogador quando o viu deixar o consultório que nem raio e desaparecer na Antônio Sales.



Agir ou não agir

Yasmim Dourado
Ex-Correspondente **O POVO**

Primeiro, não ouvi quando pediram por socorro para além do mar.

Depois, não vi quando sangraram à minha frente. Não toquei quando tentaram me alcançar por trás. Mas provei do meu próprio egoísmo quando vieram me levar.

De tanto filtrar o que eu via, ouvia, tocava e provava, perdi os sentidos. Gritos tornaram-se música, choros viraram chuva e mortes acomodaram-se na minha mente. Deitei eternamente em berço esplêndido e nunca mais precisei me levantar. A minha voz é rouca, a minha visão é escassa e as minhas mãos são calejadas. Só não contava que, ao meu redor, os demais estivessem iguais.

O meu grito não foi ouvido, o meu choro não foi acudido e a minha morte não foi lembrada. Entre intervenções divinas, janeiros protestantes e negativismos, mantêm-se forte os que pensam como eu. Nego-me a ver a verdade diante de mim e contento-me com a minha utopia dos meus ideais. Terra adorada símbolo de amor eterno, Me iludi pelos teus lindos campos e flores Semeados em meio à sangue e dor. Teus filhos jamais conhecerão a Pindorama Destruída por tatos insensíveis. Perdoa-me por, mais uma vez, portar sentidos seletivos por aqueles além do mar que fingi me importar E por aqueles irmãos dentro dos meus próprios muros que nunca dei a mínima. Eu sou o próximo.

Qual invasão marcou seu berço?

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente **O POVO**

A primeira vez que ouvi sobre patriotismo foi na infância, de maneira superficial e no período de Copa do Mundo de futebol. Senti meu peito se encher ao ter entendido, ainda sem entender direito o conceito literal, que eu era patriota. Brasileira.

Você pode perguntar sobre o que uma criança sabe sobre patriotismo e respondo, sinceramente, mesmo de maneira lúdica e sem saber organizar a emoção em sentido lógico, uma criança sabe porque sente. Dito isso, esse afeto me instigou a conhecer a nossa História e me auxiliou a não repeti-la.

O conceito de soberania é baseado no Tratado de Vestfália de 1648 e reforçado pela ONU, onde garante o direito internacional de cada país gerir seu território sem interferência externa, exceções somente em casos de legítima defesa ou mediante autorização do Conselho de Segurança da ONU de uso da força em prol de restaurar a paz.

No ano em que você nasceu, qual país era invadido pelos EUA?

Seja de forma literal ou intelectual, de forma direta ou indireta, desde 1945, os EUA se colocam não como patriotas, mas como proprietários de tudo.

No ano de 1964, os EUA apoiaram ativamente o golpe militar no Brasil, onde, inclusive, havia planos de intervenção militar estadunidense (Operação Brother Sam). No golpe de 2016, 52 anos depois, esse apoio se manteve.

A pergunta que fica é: qual o interesse dos EUA em outros países?

A Venezuela foi invadida em nome da paixão pelos venezuelanos? Ou por ser o líder no ranking de países com as maiores reservas de petróleo do mundo? Curiosamente, a Venezuela recebeu US\$ 300 milhões pela venda de petróleo aos EUA após a invasão. E isso não quer dizer que sou a favor de Nicolás Maduro ou do seu regime. Pelo contrário, aquele regime precisava de um fim e responder pelos seus crimes contra a humanidade.

O fascista lá fora é nacionalista, pois defende o próprio país. No Brasil, o fascista é entreguista, pois se inferioriza e se pinta em tons de vermelho, azul e branco antes de se entregar em uma bandeja de ouro.

Não há vencedores na guerra.